

---

# RESENHA: The Elgar Companion to Gender and Global Migration. Beyond Western Research

María del Carmen Villarreal Villamar<sup>1</sup> 

DOI: [10.22478/ufpb.2525-5584.2024v9n1.65891]

Recebido em: 20/02/2023  
Aprovado em: 22/04/2024

**Resumo:** O livro *The Elgar Companion to Gender and Global Migration. Beyond Western Research*, editado por Natalia Ribas-Mateos e Saskia Sassen, objetiva visibilizar a rica e relevante pesquisa existente sobre gênero e migrações além dos cânones ocidentais. Na obra, que reúne 44 autores da África, Ásia, Europa e América Latina, são analisados fenômenos tão diversos como as mobilidades femininas e os impactos diferenciados da globalização e do neoliberalismo, bem como as consequências das políticas migratórias, as fronteiras, os conflitos e as crises humanitárias na vida das mulheres; a migração qualificada; os vínculos entre migração, gênero e desenvolvimento; a interseccionalidade; a agência e o crescente protagonismo feminino na mobilidade humana contemporânea. Aborda-se também a evolução dos estudos sobre gênero e migrações, desde a sua relativa invisibilidade até o crescente interesse devido à fenômenos como a feminização das migrações e a multiplicação de estudos com olhares feministas, críticos, pós e decoloniais. Por fim, são examinados os desafios da pesquisa global sobre gênero e migrações, apontando limitações, potencialidades e futuras agendas de trabalho.

**Palavras-chave:** migrações; gênero; globalização, neoliberalismo.

## 1. Introdução

The *Elgar Companion to Gender and Global Migration. Beyond Western Research*, editado por Natalia Ribas-Mateos, socióloga e professora da Universitat Autònoma de Barcelona, e Saskia Sassen, também socióloga, escritora e professora da University of Columbia, constitui um recurso essencial para todas e todos os pesquisadores, ativistas, trabalhadores do setor humanitário e formuladores de políticas públicas interessados nos estudos sobre gênero e migrações.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – E-mail: mariavillarreal85@gmail.com

O texto oferece um panorama amplo, diverso e bem estruturado sobre as pesquisas, as realidades e os desafios migratórios além do Ocidente, reconhecendo a crescente importância das mulheres migrantes em todas as direções e processos. Ao mesmo tempo, a obra parte da premissa de que África, Ásia e América Latina são regiões produtoras de um sólido e heterogêneo conhecimento sobre gênero e migrações e que a pesquisa global sobre estes temas não pode prescindir dos saberes originários do Sul Global.

Além de serem duas pesquisadoras reconhecidas internacionalmente, pelos seus trabalhos sobre fenômenos como as migrações, os estudos de gênero, os estudos urbanos e os impactos das novas tecnologias, ambas as editoras reúnem nesta obra mais de quarenta autores de África, Ásia, Europa e América Latina, com uma presença majoritária de mulheres (30), valorizando a riqueza da produção e os avanços alcançados internacionalmente nas pesquisas sobre gênero e migrações, a partir de conceitos chave como globalização, interseccionalidade, violência, mobilidades, agência, feminização da pobreza e feminização das migrações.

Apesar de que a presença das mulheres nos fluxos migratórios é histórica (Sinke, 2006), desde a segunda metade do século XX, as migrações experimentaram importantes transformações que levaram a uma feminização da mobilidade humana e a superação da sua relativa invisibilidade nos estudos migratórios. Com efeito, a denominada feminização das migrações implica na presença crescente e frequentemente majoritária de mulheres nos deslocamentos humanos, bem como a inclusão da variável gênero nos processos, estudos e políticas sobre migrações (Oso; Ribas-Mateos, 2013).

Atualmente, de acordo com o Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas (DAES), as mulheres representam pouco menos da metade da população migrante internacional do mundo, isto é, 135 milhões (48,1%). Entretanto, na Europa, na América do Norte e na Oceania, as mulheres constituem a maioria absoluta das pessoas migrantes (DAES, 2020). Além disso, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), mulheres e meninas constituem cerca de 50% da população refugiada, deslocada internamente ou apátrida no âmbito global.

As mulheres estão presentes em todas as direções e modalidades de migração, deslocando-se cada vez mais de forma autônoma e não apenas como parte de processos de reunificação familiar (Sinke, 2006). Superando narrativas hegemônicas e papéis de gênero tradicionais, em muitos casos, são elas que começam os processos migratórios e

se tornam as provedoras econômicas do lar, ocupando um papel importante também em relação aos países de origem, por meio das relações políticas Estado-diáspora, mediante o envio de remessas ou por meio da criação de redes de cooperação científica no caso das migrações qualificadas.

Por sua vez, as mulheres migrantes são as vítimas majoritárias de fenômenos como o tráfico de pessoas e sofrem múltiplas formas de violência de gênero, ao tempo em que promovem importantes processos de resistência e construção de políticas migratórias e abordagens alternativas perante a mobilidade humana (Oso; Ribas-Mateos, 2013).

Como resultado da crescente presença feminina nos deslocamentos humanos ou, pelo menos, da sua maior visibilidade, nas últimas décadas aumentou o número de pesquisas e o interesse no fenômeno por parte de pesquisadores, agências internacionais e formuladores de políticas públicas.

A migração das mulheres ocorre no contexto da globalização capitalista de cunho neoliberal, que têm gerado um aumento sem precedentes das desigualdades internacionais e profundas transformações na divisão internacional do trabalho (Villarreal; Echart, 2022). Este processo é consequência de fenômenos como o fracasso das estratégias de desenvolvimento no Sul Global; maiores impactos da pobreza e das desigualdades na vida das mulheres -provocando a feminização da pobreza ou da sobrevivência-; conflitos socioambientais e processos de expulsão das populações; processos de securitização e precarização global; políticas migratórias; e demanda de mão-de-obra feminina em certos setores, como serviços ou cuidados nos países desenvolvidos (Sassen, 2003, 2015; Villarreal; Echart, 2022).

Partindo destas premissas, o livro começa com uma introdução, escrita por Natalia Ribas-Mateos e Saskia Sassen, na qual as autoras abordam narrativas da história mundial, reconhecendo que as migrações adquirem maior relevância no contexto do capitalismo neoliberal globalizado de origem europeu.

No texto, o ponto de partida são os anos 1980 e, desde então, são analisados os impactos da globalização neoliberal capitalista e suas transformações sobre as migrações, os estudos de gênero e as problemáticas específicas das mulheres migrantes. Desde uma perspectiva feminista, as autoras convidam os leitores a repensarem suas crenças, afirmando que, nas últimas décadas, tem-se experimentado profundas alterações que levaram a uma mudança de época e a um período de turbulência global, marcado pela

crescente importância dos problemas ambientais, das desigualdades e de fenômenos como a urbanização e a mobilidade humana.

No que tange aos estudos sobre gênero e migrações, em particular, cabe estudar e questionar quais são os problemas, os impactos e os desafios que experimentam as mulheres nas migrações contemporâneas, bem como evidenciar a relevância sistêmica das mulheres exploradas e infra valoradas no mundo, que, não sem dificuldades e limites, constituem, atualmente, importantes atores políticos e são responsáveis pela criação de discursos, práticas e políticas alternativas que garantem majoritariamente a sobrevivência.

Além da introdução, a obra está composta por seis partes, que buscam oferecer um vasto panorama sobre os estudos migratórios além do Ocidente. A primeira parte, “Background”, está composta por três capítulos que realizam uma ampla revisão bibliográfica para ilustrar o estado da arte dos estudos sobre gênero e migrações. Neles, são analisados alguns dos principais temas e autores clássicos, mas também as relativas carências e pesquisas emergentes sobre gênero e migrações.

Junto com o estudo dos vínculos entre migrações e cuidados, questões como migração interna e migração familiar, migrações qualificadas, migração em busca de maior liberdade e igualdade de gênero e interseccionalidade são apontadas como agendas relevantes para a pesquisa futura sobre gênero e migração (p. 33-34).

Os vínculos entre gênero, migrações e desenvolvimento, que não podem ser reduzidos somente às remessas e que precisam de uma urgente revisão, bem como o crescente protagonismo das mulheres como atores políticos e sociais também são identificados como temas importantes (p. 38-41).

Além disso, nesta primeira parte, são apontadas as potencialidades para os estudos migratórios das perspectivas africanas e pan-africanistas a partir de olhares feministas, pós e decoloniais, ao passo que é questionada a ausência das imagens de mulheres migrantes nas fotografias coloniais francesas (p. 79-80).

A segunda parte, denominada “América Latina”, contém sete capítulos, que exploram diversas realidades experimentadas pelas mulheres migrantes na região ou originárias da América Latina em outras latitudes. O crescente vínculo entre extrativismos, violências, e migrações forçadas, com forte protagonismo feminino, é um dos temas mais presentes (p. 85), bem como os processos de luta e resistência das mulheres às fronteiras e ao extrativismo e sua centralidade na construção de alternativas

de vida perante os modelos hegemônicos de desenvolvimento e de gestão das migrações (p. 134).

Processos de violência, punição e encarceramento experimentados por mulheres migrantes, em contextos de alta informalidade, precarização e securitização, promovidos pelo capitalismo neoliberal, são também alguns dos temas tratados nesta parte (p. 98).

Outrossim, a partir de categorias como gênero e de perspectivas críticas e interseccionais, são analisadas mobilidades científicas como a do fotógrafo Gustaf Bolinder na Colômbia, que contribuíram para consolidar visões de racialização e alteridade, em relação às populações indígenas da região (p. 110); os vínculos entre etnicidade e migração no mercado de trabalho da indústria agrícola entre México e Estados Unidos (p.125); as causas e as características das múltiplas mobilidades de mulheres em territórios como a Amazônia (p. 148); e os problemas como a violência e a falta de proteção social que afetam às jovens mulheres migrantes indígenas oriundas da Guatemala (p.162).

A terceira parte, “Ásia”, contém sete capítulos, que abordam diversas tipologias, problemáticas e desafios das migrações de mulheres no continente. Este terceiro bloco começa com a análise das especificidades das mulheres deslocadas internamente após o desastre nuclear de Fukushima (p. 173).

A seguir, são examinadas importantes questões, como as dinâmicas das migrações internas de mulheres chinesas no contexto da globalização (p.181) e as migrações transnacionais de mulheres chinesas muito além da família, focando em fenômenos como as migrações por estudos e as migrações profissionais (p. 188).

A crescente relevância das migrações qualificadas de mulheres brasileiras em países como Dubai, os problemas que elas enfrentam nestes contextos, sua capacidade de agência e o potencial destes processos para promover sua emancipação e empoderamento são também objeto de estudo (p. 197).

Por outro lado, em contextos caracterizados por conflitos, crises humanitárias e diversas tipologias de violência, são visibilizados os impactos diferenciados do deslocamento interno e da migração na vida das meninas e mulheres do Afeganistão (p. 212) e, a partir de uma perspectiva de direitos humanos, são estudados os problemas e desafios das migrações forçadas de mulheres em países como a Índia (p. 222).

Por fim, os vínculos entre gênero, migrações e desenvolvimento são explorados a partir do envio de remessas, consideradas criticamente como bem moral, mas também

como um meio de abuso, especialmente em contextos como a recente pandemia da Covid-19 (p. 233).

A quarta parte, “África”, contém três capítulos que analisam respectivamente o papel de mulheres migrantes no comércio transfronteiriço entre Angola e República Democrática do Congo (p. 241); os problemas e os desafios de mulheres migrantes do Camarões em um cenário de conflito armado e crise socioeconômica, que se soma aos crescentes problemas ambientais e mudanças climáticas da era do Antropoceno (p. 254); e as diversas formas de violência e reconfigurações dos papéis de gênero em contextos de presença de tropas humanitárias, como no caso de Casamansa, no Senegal (p. 265).

Os três capítulos examinam, portanto, histórias dramáticas, atravessadas por múltiplas formas de desigualdade e violência, ao tempo em que evidenciam o protagonismo das mulheres na formação de redes, construção de lutas e processos de empoderamento, que garantem não apenas a sobrevivência delas e a da sua família, mas também a criação de futuros alternativos com maior justiça social, direitos e bem-estar.

A quinta parte, “O Mediterrâneo”, contém quatro capítulos que analisam algumas das particularidades do panorama migratório neste cenário. O primeiro, estuda as lutas de mães e mulheres originárias da Tunísia que, desde 2011, protestam e buscam respostas das autoridades perante a desaparecimento dos seus filhos, companheiros ou esposos migrantes no Mediterrâneo (p. 278). Buscando transcender a invisibilidade deste fenômeno, o texto sublinha o caráter político destas lutas e reivindicações que constituem uma pedagogia da justiça social em contextos de silêncio, multifacetadas formas de violência e impunidade.

A crescente relevância dos vínculos entre saúde, gênero e migração é também examinada em um dos capítulos, a partir das migrações na cidade de Palermo, na Itália. As históricas vulnerabilidades que enfrentam as mulheres em contextos migratórios são aqui analisadas a partir de uma abordagem interdisciplinar, que combina os estudos sociológicos com análises médicas e que considera tanto as diversas consequências da violência física e sexual na vida das mulheres migrantes provenientes dos países do Sul Global, como o papel das doenças virais, oferecendo importantes contribuições para a adoção de enfoques preventivos e baseados em uma abordagem de direitos humanos e saúde integral (p. 287).

Por fim, as experiências das mulheres migrantes subsaarianas, sírias e haitianas no contexto do mercado de trabalho, de crises humanitárias, terremotos e processos de abrigo são também objeto de análise nesta parte da obra, evidenciando os impactos

destes processos nos seus corpos, emoções e trajetórias marcadas por sofrimento e precariedade, mas também por coragem, solidariedade e resiliência.

Os capítulos da sexta parte “Europa” analisam as experiências, problemas e desafios multidimensionais enfrentados por mulheres migrantes, trabalhadoras do setor agrícola de Huelva (Espanha), com foco nos impactos destas atividades na sua saúde individual e familiar (p. 327-328), bem como os processos de organização e luta de mulheres migrantes em Roma em prol de uma moradia adequada, reconhecida como direito, em 1948, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos (p.334).

A obra aqui resenhada não representa um panorama exaustivo das pesquisas sobre gênero e migrações no âmbito global e tem o limite de oferecer um tratamento assimétrico dos estudos regionais-com uma prevalência de textos sobre Ásia e América Latina e uma menor presença das pesquisas sobre o contexto africano e mediterrâneo.

Ela constitui, contudo, um recurso excepcional para todas e todos aqueles que se interessam pelo tema e querem ter uma primeira aproximação aos estudos sobre gênero e migrações. Como as editoras do livro destacam, o texto não representa um produto final e sim uma obra de reflexão coletiva em construção que vai poder ser complementada e enriquecida com novas contribuições nos próximos anos.

Além disso, o livro representa um convite feminista e interdisciplinar para questionar as visões predominantes sobre gênero e migrações e, sobretudo, para ampliar o olhar além das pesquisas e das cosmovisões ocidentais.

Neste sentido, o livro resgata a importância das abordagens críticas, feministas, pós e decoloniais; a necessidade de análises econômicas, sócio-políticas e culturais, bem como a adoção de novos formatos e metodologias de estudo e pesquisa.

Finalmente, analisando realidades estruturais e conjunturais que enfatizam o aprofundamento das desigualdades de gênero, no contexto da pandemia de Covid-19, o texto deixa claro que as mulheres importam e as mulheres migrantes ao redor do mundo não são uma exceção.

As mulheres migrantes são agentes de transformação social e atores relevantes do cenário internacional com vozes, experiências, lutas e projetos autônomos. Elas merecem, portanto, maior atenção e a multiplicação de iniciativas como esta que, além de fazer uma retrospectiva dos estudos sobre gênero e migrações, visibilizam também temas emergentes e novas agendas de pesquisa.



## Referências

Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (2022). Global Trends. Forced Displacement in 2021. Recuperado em: <https://www.unhcr.org/62a9d1494/global-trends-report-2021>

Department of Economic and Social Affairs. (2020). International Migrant Stock. United Nations Population Division. Recuperado em: <https://www.un.org/development/desa/pd/content/international-migrant-stock>

Oso, L; & Ribas-Mateos, N. (2013). An Introduction to a Global and Development Perspective: A Focus on Gender, Migration and Transnationalism. *The International Handbook on Gender, Migration and Transnationalism*. Cheltenham, U.K. and Northampton, Massachusetts: Edward Elgar, 1-41.

Sassen, S. (2003). *Contrageografías de la globalización. Género y ciudadanía en los circuitos transfronterizos*, Madrid: Traficantes de Sueños.

Sassen, S. (2015). *Expulsiones. Brutalidad y complejidad en la economía global*. Buenos Aires: Katz Editores.

Sinke, S. M. (2006). *Gender and migration: Historical perspectives*. *International Migration Review*, 40 (1), 82-103.

Villarreal, M.; Muñoz, E. (2022). Globalization as a “simulation” of development. In: López Castellano, F.; Lizárraga, C; Manzanera Ruiz, R. (Org.). *Neoliberalism and Unequal Development Alternatives and Transitions in Europe, Latin America and Sub-Saharan Africa*. 1ed. London: Routledge, v. 1, p. 63-76.